

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

HUGO LEONARDO OMENA GOMES DE MELO

**O PAPEL DA MÍDIA NA PRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE TORCIDAS DE
FUTEBOL EM MACEIÓ: uma revisão de literatura.**

MACEIÓ

2021

HUGO LEONARDO OMENA GOMES DE MELO

O PAPEL DA MÍDIA NA PRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE TORCIDAS DE FUTEBOL EM MACEIÓ: uma revisão de literatura.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientação do Prof. José Roberto Santos Lima.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

<p>M528p</p>	<p>Melo, Hugo Leonardo Omena Gomes de. O papel da mídia na produção da violência entre torcidas de futebol em Maceió : uma revisão de literatura / Hugo Leonardo Omena Gomes de Melo. – 2021. 45 f. : il.</p> <p style="padding-left: 40px;">Orientador: José Roberto Santos Lima. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.</p> <p style="padding-left: 40px;">Bibliografia: f. 43-45. 1. Torcidas organizadas - Maceió(AL). 2. Futebol - Mídia. 3. Violência no esporte. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 796.332(813.5)</p>
--------------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

HUGO LEONARDO OMENA GOMES DE MELO

O PAPEL DA MÍDIA NA PRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE TORCIDAS DE FUTEBOL EM MACEIÓ: uma revisão de literatura.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas e _____ em ____ de maio de 2021.

Prof. José Roberto Santos Lima. (Universidade Federal de Alagoas)

Orientador (a)

Banca Examinadora:

Banca Examinadora

Examinador 1

Prof. Dr. Alberto Vivar Flores

Examinador 2

Prof. José Roberto Gomes da Silva

DEDICATÓRIA

A Aimeé Raíssa B. Moraes de Melo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a meu Salvador Jesus Cristo, por possibilitar em ter uma vida, na qual, foi atribuído uma família, valores e princípios, agradeço minha esposa Aimeé Raissa Bezerra Moraes de Melo, pelo o apoio, motivação e os conselhos durante todo esse período, agradeço aos meus filhos Ian Leonardo Moraes de Melo e Levi Leonardo Moraes de Melo, que nasceram durante este período maravilhoso que tive a oportunidade de desfrutar.

A meus pais Lusicleide Omena Gomes e Mário Gomes de Melo pelos princípios e valores para mim ensinando, na qual contribui-o muito em minha educação e formação.

A instituição Religiosa na qual faço parte, que é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, pelo ensino e a contribuição como um cidadão inserido na sociedade. Agradeço aos meus irmãos Igor, Natália, Flávia, Bruno, Gustavo, Mariana e Daniela. A minha madrastra Mônica Yezzi, pela contribuição em minha educação.

Agradeço aos meus sogro Gilberto e minha sogra Sidvânia, que sempre me apoiaram e me incentivaram em meus estudos seculares. A toda organização do curso maravilhoso na qual desfrutei na UFAL, que foi História Licenciatura, aos professores em particular o Robertinho e o professor Anderson, pela orientação e incentivo por me motivarem à nunca desistir. A coordenação, em particular o Henrique, ao pessoal da limpeza, do lanche e principalmente da xerox.

Aos verdadeiros amigos, que pretendo levar por toda minha vida, em particular Diogo e Geovane, que foram essenciais nessa reta final da graduação, incentivando para a conclusão desse trabalho.

PENSAMENTOS

“Tudo o que aprendi de mais digno a respeito do homem, descobri dentro de um campo de futebol”

Albert Camus

Filosofo Francês

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças no discriminem; Lutas pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende analisar as características de um público-alvo, identificando como o sujeito se integra na torcida organizada e como essas interações os levam para a violência e/ou criminalidade. Refletir os efeitos que essas torcidas têm, no aumento das tensões sociais e culturais. Ao identificar as características do público, é possível organizar uma comunicação mais dinâmica, apropriada para discorrer diretamente com a torcida organizada. Desta forma procuramos analisar as relações de futebol e mídia e a ação da violência dentro e fora do futebol, assim como procuramos de fora sintética abordar um pouco sobre as origens do futebol no Brasil e em Alagoas.

Palavras-chave: Torcida Organizada; Mídia no futebol; Violência no futebol.

ABSTRACT

The present work of conclusion of course intends to analyze the characteristics of a target audience, identifying how the subject is integrated in the organized crowd and how these interactions lead them to violence and / or criminality. Reflect the effects that these fans have in increasing social and cultural tensions. By identifying the characteristics of the audience, it is possible to organize a more dynamic communication, appropriate to speak directly with the organized crowd. In this way we seek to analyze the relations of football and media and the action of violence inside and outside football, as well as looking from the synthetic outside to address a little about the origins of football in Brazil and in Alagoas.

Keywords: Organized crowd; Soccer media; Football violence.

SUMÁRIO

1. BREVE INTRODUÇÃO	10
2. CAPITULO I – PEQUENA HISTÓRIA DO FUTEBOL	12
3. CAPITULO II – TORCIDAS ORGANIZADAS	20
3.1. Pratica do rito de passagem: a entrada na torcida	23
3.2. Torcidas organizadas em Maceió	26
4. CAPÍTULO III – O PAPEL DA MÍDIA NA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE AS TORCIDAS DE FUTEBOL	32
4.1. Contribuição para a violência	38
5. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	42

1. BREVE INTRODUÇÃO

Maceió chegou no dia 05 de dezembro de 2015 ao seu bicentenário registrando altos índices de violência, tendo aproximadamente, 57 homicídios por mês, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013, a cada 100 mil habitantes, ocorrem 69,5 homicídios, totalizando 699 mortos neste ano, sendo a Capital do Estado segunda cidade mais violenta no país. Ausência de políticas públicas voltadas à educação e a desigualdade social contribuíram fortemente para estas estatísticas negativas, entretanto, o futebol na capital alagoana fortalece aspectos culturais e sociais, que são importantes e que devidamente analisados entende-se que contribui para o aumento da violência na cidade através das suas torcidas organizadas.

Tendo dois times que são rivais históricos, e cada um deles tendo um século de existência, Clube de Regatas Brasil (CRB) e o Centro Esportivo Alagoano (CSA), frequentemente levantam manifestações de violência tanto física, quanto verbal através de suas torcidas organizadas, sejam elas orais ou escritas através de pichações ou do uso da internet e das redes sociais muitas vezes transforma-se em atos de violência real, despertando a cultura do ódio e contribuindo para reações cada vez mais radicais. Porém questionamos, qual a importância dessas torcidas dentro da história desses clubes? E como surgiram essas torcidas no clube? Como um membro faz parte de uma torcida? Qual seu dever e atividades por ser membro da torcida? Demarcações e disputas por territórios, confrontos combinados por seus líderes torcedores fazem com que a cidade se torne um verdadeiro palco de guerra.

Pretendemos abordar o poder de manobrar o comportamento sem dar a oportunidade a um debate social, a mídia contribui mesmo que indiretamente a ampliação de uma rivalidade, dando carta branca a violência simbólica, demonstrando interesse na repercussão de notícias que a de vir de incidentes relacionados aos clássicos.

A preocupação da mídia em realizar reportagens que tragam audiências não caracteriza em detrimento dos atos filantrópicos praticado pelas mesmas torcidas. Se fizerem o bem seguem no anonimato, entretanto levantam argumentos com estereótipos, referindo-se a torcedores marginais, agressores, assassinos, intolerantes e pichadores que destroem a cidade.

Devido a pandemia encontramos diversas dificuldades ao abordar o assunto proposto acima, o isolamento social traz um desafio muito grande na fonte oral que poderia ser abordado pelos próprios torcedores, limitando-se a uma pesquisa abordada, pela própria imprensa, livros e artigos que podemos ter acesso mediante essas várias limitações.

O presente trabalho apresenta uma linha historiográfica do futebol, abordando o seu surgimento e seu papel na sociedade como um esporte democrático, seguindo falaremos do papel da torcida organizada e seus compromissos para com seu clube, assim como também seus ritos de passagem, finalizando com a violência abordada pela própria torcida para com a sociedade, e a potencialização deste fator por parte da imprensa e a mídia.

CAPÍTULO I

PEQUENA HISTÓRIA DO FUTEBOL

Há exatamente 127 anos atrás chegava ao Brasil em 1894 o jovem Inglês chamado Charles Miller, filho de ingleses ricos radicado em São Paulo, mais que na época estava retornando da Inglaterra após um período de estudos de que tinha desembarcado no porto de Santos, no inverno do citado ano trazendo na bagagem duas bolas de couro e regras para a prática do futebol em nosso país.

De antemão sabe-se hoje que o futebol moderno nasceu no dia 20 de outubro de 1863 em Londres quando representantes na época de 11 clubes fundaram The Football Association estabeleceram as leis que deram uma forma definitiva para ocorrência dos jogos, que chegou ao Brasil à mais de um século atrás.

O futebol passou a ser a grande atração ou sensação dos colégios ingleses e Charles Miller tornou-se um dos introdutores daquele esporte no Brasil, onde o primeiro campo de futebol que se tem notícias foi construído em um terreno e propriedade de Miller, da várzea do próximo ao Convento do Carmo, no bairro do Brás, a exatamente onde hoje se situa o gasômetro onde Miller e seus amigos todos britânicos e ricos teriam realizado a primeira partida de futebol em solo brasileiro. Entretanto outros autores, argumentam que o primeiro jogo de futebol de verdade teria sido realizado no Rio de Janeiro por volta de 1878 quando marinheiros ingleses do navio Criméia estavam estacionados no porto do Rio de Janeiro teriam eles aproveitado um dia de folga para fazer uma “pelada” ou partida de futebol em frente ao palácio da Princesa Isabel na praia da Glória. Contradições a parte a respeito das origens do futebol no Brasil o que se sabe hoje como verdade histórica, é que aquele Inglês Charles Miller foi quem introduziu o futebol entre os esportes praticados pela aristocracia paulista que frequentavam São Paulo Athletic Club.

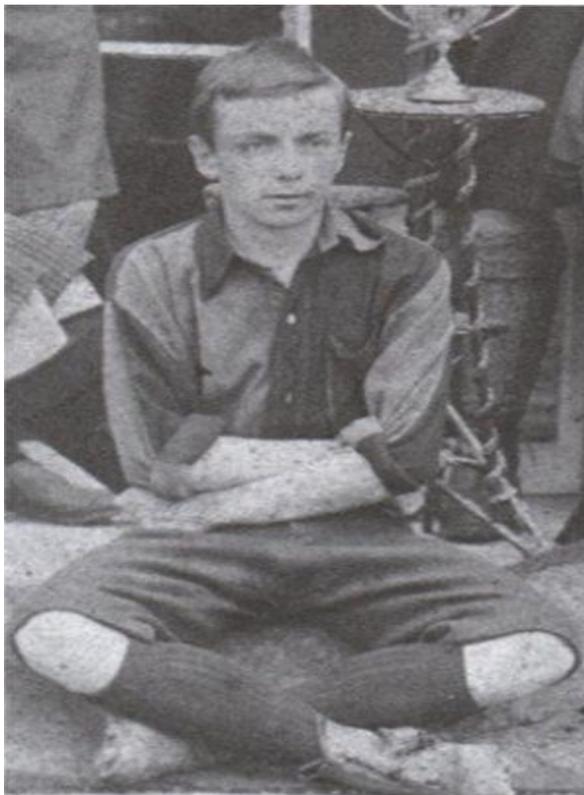


Foto do Charles Miller: Domínio Público / Wikimedia Commons

O primeiro clube formado foi em São Paulo, onde foi realizada a prática inicial do futebol, no Brasil, o clube tinha como nome São Paulo Athletic Club, que eram compostos na sua maioria por colonos ingleses ou filhos de ingleses no Brasil. O novo esporte ganhou rapidamente a simpatia e a paixão da fina flor da sociedade paulista, onde os jovens jogavam de calça, ostentando até gravata de seda como parte do seu uniforme. Até este momento o povo não tinha acesso nenhum ao esporte que tinha nascido na Inglaterra, que durante muito tempo foi um jogo exclusivo para pessoas dos “bens de vidas” (ricos).

Somente 1908 que a administração municipal de São Paulo liberou os terrenos da Várzea do Carmo para que o povo pudesse jogar futebol e aos poucos os pobres que se destacavam naquele esporte, começaram a ser convidados pelos clubes aristocráticos para integrar as suas equipes, iniciando desta forma um processo crescente de popularização do futebol; entretanto este tipo de prática não eliminou as discriminações raciais que eram muito comuns na época, que até hoje continuam sendo praticadas no futebol não apenas quando um jogador ou uma torcida chama o jogador de macaco, onde muitos jogadores de cor preta tiveram que tomar banho de pó de arroz, para

disfarçar ou esconder sua cor real, como prática do racismo em si nem sempre assumida pela sociedade brasileira.

Há muitas versões sobre as origens do futebol que segundo o inglês Desmond Morris autor dos livros “ O Macaco nu” e “A tribo do Futebol”, argumenta ele que cada clube de futebol se organiza como uma verdadeira tribo primitiva com o seu território, suas leis, seus heróis e seus feiticeiros. Mesmo se vivendo uma sociedade moderna cada vez mais dominada pela tecnologia e que oferece cada vez mais conforto ao homem, mantem-se gravados no inconsciente coletivo das pessoas os rituais das caçadas que precisou desenvolver para sobreviver durante milhões de anos atrás; habilidades físicas para correr, lutar e empunhar uma arma, capacidade de concentração para perseguir a presa, busca da cooperação para caçar melhor e o futebol simbolizaria em ultima análise uma caçada ou então uma guerra entre tribos, onde o gol seria a morte simbólica do adversário ou uma derrota numa batalha verdadeira. O futebol moderno seria uma representação simbólica dessas lutas do homem ancestral.

Outros estudiosos no futebol apresentam outras versões do que respeito a suas origens. Teria ele surgido na China acerca de 4500 anos atrás em quanto que outras referências de práticas esportivas no século nono antes de Cristo, na Grécia antiga lembrariam a prática do futebol. Para outros estudiosos ele teria sido prático em Florença durante o Período da Renascença, mais como se diz que o futebol é um esporte bretão ele pode ter iniciado na Inglaterra medieval da prática de se chutar a cabeça dos inimigos para se comemorar a vitória nas guerras, evoluindo para uma disputa entre aldeias já com o uso de uma bola, isto na terça-feira do carnaval mais o que se sabe também é que este esporte foi proibido em 1314 pelo Rei da Inglaterra Eduardo II, onde desde o inicio tem-se caracterizado por um encontro de oposto onde o conflito é admitido, exercido e subordinado a um fim pacífico.

Voltando para a discursão a respeito da história do futebol no Brasil, ele foi tendo um crescimento e visibilidade que começou a ser o esporte mais exercitado na época.

Embora o remo fosse o esporte antes da existência do futebol um dos mais praticados pela elite ele foi perdendo espaço, e ficando em segundo lugar na preferencia da população dando ao futebol ultrapassa-o na preferencia

popular, chegando a ser quase esquecido pelos brasileiros posteriormente. Com isso, algumas equipes de remo tornaram-se clubes de futebol, como o Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo, no Rio de Janeiro.

Fluminense Football Club, foi a primeira equipe de futebol carioca, fundada no ano de 1902, foi também a primeira equipe que começou a cobrar ingressos para assistirem as partidas de futebol no Brasil. “realizada contra o Paulistano, quando, aproximadamente, 2500 pessoas acompanharam o duelo”. (FRANCO, 2019) O jogo foi marcado como o primeiro que apresentou um chefe de Estado, o Presidente da República como torcedor Rodrigues Alves.

Foi nesse período que o futebol pega a popularidade, começam a surgir os expectadores formados pelos sócios dos clubes e que já tinham o direito aos ingressos para os jogos. Porém, começaram a observar que a maior parte do seu público que iam assistir aos jogos eram compostas de pessoas não associadas ao clube.

Os torcedores, iniciaram reuniões para encontrar uma forma com que os possíveis interessados se tornassem sócios de seus referidos clubes, e assim apoiariam o seu time como integrantes do clube de futebol.

É necessário se chamar a atenção para algo importante para a própria história do futebol que foi a transição que ocorreu do futebol amador (joga futebol porque gosta da prática do futebol e ama o esporte) para o futebol profissional, quando ele se torna uma profissão de fato e de direito, quando são os jogadores contratados através da assinatura de um contrato entre as partes -do jogador e o clube- onde ambos tem direitos e obrigações contratuais, onde a diretoria do clube teria contratado 11 jogadores e mais alguns reservas para defender aquele determinado clube, com suas cores e brasões identificados com a sua torcida

As primeiras torcidas de futebol eram formadas por pessoas ligadas à diretoria dos clubes. Os chefes eram considerados estadistas, porque a torcida seguia o modelo social, político e econômico da época de sua criação. A participação dos torcedores no futebol virar mais “problemática em razão de um contexto complexo e dinâmico que aquele vivido pelos torcedores-símbolos desde a década de 40” (SANTOS, 2009, p. 45 *apud* TOLEDO, 1996).

Entende-se que a exibição dessas torcidas vinculadas ao surgimento profissional do futebol e ao processo acentuado de cidades, principalmente nos

anos 50 e 60, esse crescimento teriam culminado com as novas formas de sociabilidade, anseios e modo de vida da massa labutadora.

O futebol carrega consigo uma gigantesca rede de promoção publicitária por causa dos imensos interesses econômicos e até políticos, envolvidos na sua realização, seja através da indústria de materiais esportivos a venda, do direito de transmissão daquela partida de futebol pela tv, seja pela exploração da marca ou marcas que patrocinam aquele evento esportivo ou de empresas de vários setores do comércio e marketing esportivo. O evento esportivo que reuni uma maior quantidade de pessoas no mundo são os Jogos Olímpicos ou as Copas do Mundo de futebol.

Porque é que o futebol sozinho é o elemento aglutinador que supera a de vários outros esportes juntos? Qual o segredo que existe um jogo onde 22 homens ficam durante 90 minutos correndo atrás de uma bola, atraindo tanta gente e despertando tanta paixão?

O futebol despertou essa paixão no brasileiro logo que ele chegou aqui, há mais de um século atrás onde a juventude abraçou-o tendo quase que uma intuição de que esse esporte era o mais completo do ponto de vista educativo e psicodinâmico, recebendo-o de braços e de coração aberto, segundo já falava Fernando de Azevedo em seu livro sobre A Evolução dos Esportes no Brasil.

Segundo o professor Anatol Rosenfeld, em seu livro O Futebol no Brasil, argumenta que esse esporte arrebatou as bases emocionais mais profundas de um nacionalismo inflamado pelo complexo colonial de falsa inferioridade, onde se passou a acreditar que o futebol com suas qualidades educativas tanto físico quanto moral haveria contribuído para a superioridade das nações anglo-saxônicas, onde o futebol era somente praticado pela aristocracia inglesa e uma equipe formada por ingleses que trabalhavam em São Paulo (altos funcionários do banco de Londres, da companhia de gás de São Paulo e da São Paulo Railway empresa de trem) que o escritor Monteiro Lobato descreveu a partida em o artigo para o jornal O Povo, de Caçapava (SP)

“... a população eletrizada viu-se colocada de ante de uma nova questão social. Tratava-se de verificar se o paulistano tinha capacidade para sair vitorioso ante a enorme oposição dos filhos dos ingleses. O povo compreendeu de imediato o extraordinário alcance deste duelo onde dessa luta tinha, para a popularização

de São Paulo o significado moral dez vezes maior do que a eleição de um Presidente de Estado e São Paulo reconhece que cada um desses jovens é socialmente mais importante do que todos os deputados estaduais e federais somados, multiplicados e elevados a sétima potência"... o ultimo gol do clube paulistano contra os ingleses provocou a maior tempestade e aplausos já mais conhecidas em São Paulo. Milhares de mãos acenando chapéus, milhares de gargantas gritavam fazendo um hurra gigantesco e ensurdecedor que fez a terra tremer"... é dessa espécie de homens que precisamos"

O futebol tem essa magia e capacidade de sintetizar, e ao mesmo tempo expressar sentimento de nacionalidade do povo brasileiro quando se trata da Seleção Nacional, como se pudesse explicar o fascínio e ao mesmo tempo paixão que contagia todos os torcedores da nação, em torno de um único objetivo que é chegar a ser campeão do mundo, e essa mesma paixão também se estende aos torcedores em escala mais reduzida é claro, quando se trata de clubes do mesmo país, estado ou município.

O futebol seria em si um tipo de espetáculo coletivo que se tornaria até de certa forma ritualístico por assim dizer, na medida em que identifica os espectadores ou torcedores como uma espécie de drama que se desenrolaria no campo, onde os jogadores de futebol seriam como se fossem personagens de um teatro real com os quais o publico se identificaria em gênero numero e gral, como se fosse um ritual e o campo de futebol seria como se representasse um grande teatro de arena. Jogadores de futebol seriam uma espécie de heróis ou vilões do povo; sendo o goleador o mais destacado de todos os demais jogadores do campo. O gol do adversário ao nosso time seria uma espécie de derrota, onde um turbilhão de emoções cada vez mais intensas perpassam pela cabeça dos torcedores onde controle da bola o planejamento a ação conjunta a própria malícia do drible, a velocidade um conjunto de outras atitudes são superadas quando podemos golear o time adversários. Os jogadores ou extensão trabalham com todas as emoções humanas como a agressividade, a competição, a depressão, ansiedade, o orgulho, a vaidade a amizade e a própria solidariedade, além de uma serie de outros sofrimentos quando se estar mediante uma partida de futebol, onde todo jogo ele é imprevisível, e carregado de uma enorme ação dramática, onde as emoções das mais diversas podem se manifestar ou serem reprimidas.

Um dos maiores tesouros culturais produzidos pelo futebol é o exercício da função ética, extremamente indispensável para o crescimento e aprofundamento da chamada consciência coletiva, onde os ensinamentos aprendidos nas escolinhas de futebol, a obediência as regras futebolísticas e a elaboração mental, coletiva do que deve ou não ser permitido durante o calor do jogo e das emoções é o que revela o caráter ético de cada jogador ou o juiz dentro ou fora do campo

A História do Futebol em Alagoas encontra-se grande parte dela reunida no chamado Acervo do Museu dos Esportes, que se encontra em uma das dependências do Estádio de Futebol Rei Pelé, mais conhecido pela população como “Trapichão”, que teve como seu principal criador responsável pelo seu acervo documental, visual e peças identificadas com a própria historia dos esportes, principalmente do futebol, realizada pelo jornalista Lauthenay Perdigão, que é fundador de um museu do futebol brasileiro há 27 anos, que tem dedicado grande parte da sua vida a esta tarefa com muito prazer e dedicação.

Nunca escondeu, por exemplo, as dificuldades que passou para manter o museu já visitado por Zagallo, Nilton Santos, Valdir Espinosa e o próprio Pelé. Ele teve de colocar dinheiro do próprio bolso para a manutenção das instalações e até vendeu uma camisa do Rei do Futebol utilizada na Copa do Mundo de 1958 — um presente de Dida, também campeão na Suécia, a Lauthenay.” (Fernandes, 2020)



Lauthenay Perdigão na construção do Trapichão, em Maceió, em 1969.
Imagem: Acervo Museu dos Esportes.

Em Alagoas, o nome de Lauthenay é muito conhecido, e respeitado como um dos mais importantes jornalistas esportivos do Estado, além de

manter o museu, Lauthenay promoveu vários eventos esportivos ligados ao futebol.

Quando Lauthenay foi ao mercado a pedido do pai. Na mercearia, viu um homem arrancando as páginas de uma revista para embrulhar alimentos. Quase como se tivesse presenciado um crime, Lauthenay resolveu salvar aquela edição da Sport Ilustrado, carioca, e começou a colecioná-la. Não pararia mais." (Fernandes, 2020)

A vida profissional de Lauthenay Perdigão estar relacionado a profissão de bancário de onde ele extraía sua principal renda de sobrevivência econômica, entretanto ele nunca deixou totalmente de lado a sua paixão pelo futebol e pelo jornalismo, conforme podemos observar na citação de Fernandes (2020).

Foi bancário de carreira durante 34 anos, sempre trabalhando no segundo horário. Pela manhã, pesquisava; entre lanches, saía para acompanhar alguma história. Tinha a amizade dos chefes para isso. No último horário, ainda dava conta do trabalho como radialista. (Fernandes, 2020)

No ano de 1968, segundo Rosa (2013) foi liberada a pedra fundamental para a realização da construção do estádio de futebol do Trapichão que ainda não tinha nome definitivo para posteriormente se chamar de Rei Pelé em homenagem ao Rei do futebol brasileiro, e foi onde Lauthenay Perdigão fez questão de acompanhar desde o seu início em diante do processo de crescimento da sua obra em construção mês a mês até o final a que pressuponha como verdadeiro documento iconográfico da história de construção daquele estádio de futebol, sempre acompanhado do fotógrafo Zé Ronaldo que a cada visita ao estádio em construção ficava admirado com sua construção.

Apenas lembrando para não morrer no esquecimento, a construção do Estádio do Rei Pelé, deveu-se também ao empenho do Senhor Napoleão Barbosa que na época era um dos responsáveis pela sua construção, além de uma série de engenheiros, arquitetos, mestres de obra, pedreiros, serventes e demais auxiliares, que se sentiam aqui homenageados, pelo seu trabalho e pelo seu empenho, em ter construído aquela belíssima praça de esportes.

CAPÍTULO II

TORCIDAS ORGANIZADAS

A formação de uma torcida organizada pressupõe a existência de uma torcida em que a grande maioria de seus membros se alto identificam com determinados valores, pensamentos, atitudes determinadas praticas sociais comum a maioria de seus membros, que tem um conjunto de características em comum comungada pela maioria de seus membros, que é identificada e que foi estudada pela socióloga ou antropóloga Amanda Farias dos Santos em sua obra *Torcidas Organizadas e Sociabilidades Juvenis no Nordeste* quando ela afirma que: “é baseada em grupos sociais que têm suas características vinculadas, na qual os grupos sociais são uma união de duas ou mais pessoas, juntas pela interação e capazes de atingir um denominador comum” (SANTOS, 2009, p. 63).

Podemos verificar que, não se trata de uma simples sintonia entre pessoas, mais sim acima de tudo da construção de uma identidade própria enquanto ser humano, que se auto identificam com determinados valores, pensamentos e praticas sociais, comungada pela maioria de seus membros enquanto torcida.

O pensamento em comum, da maioria de seus membros, o processo de construção de um “gosto” ou identidade própria que estar muitas vezes expressa através de um conjunto de símbolos, imagens através de uma bandeira, de um escudo, da cor ou das cores tradicionais de cada time ou clube, das suas insígnias como elementos indenitários de cada um deles.

Segundo Santos (2009, p. 64) “os grupos mais conhecidos são: o grupo vicinal – vizinhança; o grupo educativo – escola; o grupo religioso – Igreja; grupo de laser – clube ou associação; o grupo profissional – empresa e o grupo político – Estado, partidos políticos”.

Partindo do pressuposto que o homem é um ser social por natureza e que é nela que o homem/ mulher se completam enquanto seres sociais através do convívio e da própria contradição do viver em sociedade é ai que estar posta um conjunto de desafios a superação dos problemas, aonde no primeiro grupo social onde nós nascemos que é a família, aonde a depender da quantidade de seus membros e os objetivos que eles tem em comum como por

exemplo auto defesa e sobrevivência são exercícios ao convívio social dentro da família, estendendo assim a outra esfera como por exemplo a vizinhança tendo assim uma proximidade geográficas e em segundo ter ou não atividade em comum a ambos.

Já nas esferas da escola e religião podemos observa sua participação na escola depende de uma determinada faixa etária e um determinado nível de aprendizagem e que maioria de seus integrantes tem objetivos em comum o processo de ensino e aprendizagem, no que se refere a questão da igreja no que se refere a um grupo social em que as pessoas comungam determinadas crenças, adorações, convicções em comum com a maioria de seus membros participantes.

Quanto ao grupo profissional e empresas porque é que as empresas hoje dizem que é necessário “vestir a camisa”, pois esse termo não é uma piada e sim uma constatação do quanto é importante para os seus membros eles construirão uma identidade em comum comungado por eles em um sentido mais amplo.

Quando a questão de um grupo político ou partido, estar ele associado em tese a um conjunto de convicções e atitudes comungado pela maioria de seus membros geralmente apesar de observa-se no cenário da política nacional na atualidade um distanciamento quilométrico entre a doutrina e a prática política descamando muitas vezes para a politicagem.

Esses grupos coincidem nos seguintes aspectos: 1 - pluralidade de indivíduos, ou seja, na permanência do coletivo; 2 - na interação social que o grupo proporciona; 3 - na comunicação; 4 - na Organização (na qual estão assentadas); 5 - na objetividade e exterioridade – os grupos sociais são superiores e exteriores ao indivíduo; 6 - no conteúdo intencional ou objetivo; 7 - na consciência grupal - maneiras de pensar, sentir e agir próprias (SANTOS, 2009, p. 64).

A torcida organizada inicia em forma de um determinado grupo, ou seja, um grupo de torcedores que se unem para apoiar um determinado time em que os torcedores se auto identificam com o mesmo, seja pelas suas cores, seja pelo histórico de vida ou por valores que os autos identificam assumindo a identidade própria, que os tornam um coletivo com praticas, convívios e valores em comum a grande maioria deles.

Não há muita diversidade no que se refere ao princípio da história das torcidas organizadas de futebol. Os vários estudos estabelecem este

início em dois momentos e em dois lugares distintos: na cidade de São Paulo, entre 1939 e 1940; e na cidade do Rio de Janeiro, em 1942. O que marca ambos os momentos é a criação de alguma forma de organização da prática torcedora. As torcidas já existiam desde o início do futebol profissional, mas só na década de 40 é que surgem formas distintas de práticas torcedoras com alguma forma de organização (LUCCAS, 1998, p. 57-58).

Ao darem início a uma nova forma de grupo social, onde os torcedores ocupam lugar de destaque dentro da história do futebol brasileiro podemos observar que ele foi introduzido no Brasil pelos ingleses não para todos os brasileiros mais sim direcionados como mais uma diversão para as elites em que inclusive “só eles e para eles” (as elites) era inclusive permitido a eles participarem de tal evento, como foi reforçado por LUCCAS, (2009, p. 58). “A identidade do brasileiro com o futebol é de uma imensidão, que não conseguimos abordar os fatores existentes sem fazer referência a tal esporte, trazido pelos ingleses, porém radicado aqui com uma moldura própria”.

O que marca e define uma torcida organizada, em sua essência, é a manipulação de um determinado instrumental simbólico, com a finalidade de extravasar sua paixão por um time de futebol. Alguns elementos de destaque compõem este instrumental e também definem todo um estilo de vida para seus associados. Fazem parte deste as camisas, os símbolos, os mascotes, as bandeiras (em seus mais diversos tamanhos), as faixas, a bateria, a coreografia, os cantos e os xingamentos (LUCCAS, 1998, p. 62).

Os símbolos geralmente agregados a um determinado time ou clube abordam as forças da natureza e as características humanas de cada território, cultural e as regras existentes estabelecidas pela ordem social; Quando se fala de time nos remetemos aos símbolos associados a cada time existente, e os símbolos usados pelas torcidas organizadas podem ser compostos por três tipos:

Animais (a baleia, o porco, o gambá e o gavião, entre outros); personagens dos gibis ou dos comics (Mancha Negra, Zé Carioca, por exemplo); e entidades fantásticas ou divindades (São Jorge, São Paulo, etc). Invariavelmente, os símbolos remetem à esfera do sobre-humano ou do super-humano (LUCCAS, 1998, p. 63).

A presença de determinados animais como por exemplo o “**urubu**” como símbolo do Clube Regatas Flamengo, a “**baleia**” como representante dos Santos Futebol Clube por estar próximo ao mar no litoral paulista, do “**porco**” como símbolo do Palmeiras Futebol Clube, do “**gavião**” associado ao

Corinthians, e presença de entidades divinas como por exemplo o apóstolo **‘São Paulo’** simbolizando ao clube paulista São Paulo ou de personagens históricos como **“Vasco da Gama e a Cruz de Malta”** que representa o clube carioca Vasco da Gama. Esses símbolos e outros transformaram-se em elementos indenitários de cada clube brasileiro ou do mundo, em que crianças e adultos se auto identificam como uma paixão coletiva.

O futebol era formado por pessoas aliadas à diretoria dos times ou clubes, as primeiras torcidas. Os líderes eram atendidos pelos funcionários que trabalhavam no estádio, isso quando “a torcida abraçava o modelo social, político e econômico da época de sua criação. “A “antidemocracia”, característica do Estado Novo, se refletia na centralização de poder. Uma característica também presente na Charanga.” (BARROS, 2012, p. 3).

2.1. Prática do Rito de Passagem: a entrada na torcida

O que torna uma pessoa como membro ou parte de uma torcida? Esta pergunta aparentemente inocente revela um conjunto de valores que a maioria dos seus membros tem em comum o desejo e a própria realização deste desejo (consciente ou inconscientemente, individual ou coletivamente) ou de estimular o seu time a sempre vencer, só que todos nós sabemos que não existe time invencível, mais a materialização deste desejo passa por um desejo coletivo da maioria de seus membros quando o seu time estiver em campo, aonde é cobrado da maioria de seus membros (jogadores, comissão técnica, técnico de futebol, funcionários do clube e sua própria diretoria) que são cobrados pela torcida, para que essa meta seja atingida (a vitória de todos). De acordo com a maioria dos membros de uma torcida organizada, seja ela de qualquer clube ou agremiação esportiva, precisa seguir e estimular o seu time nos momentos que o clube estiver em campo jogando, para que exista um motivo para ir aos jogos e que estejam envolvidos com seu time de “coração”.

A vibração da torcida, interação social, adrenalina dos confrontos, a vantagem pela compra de ingressos, faz com que um torcedor, se transforme em um torcedor organizado. A torcida Jovem demonstra maior “fogo” que as demais, por estimular o time o jogo completo, por haver torcedores organizados em seu interior, ou seja, essência,

assim diferenciando dos demais torcedores considerados comuns apelidados de “povão” (BARROS, 2012, p. 6).

Todo torcedor organizado tem trabalho a ser feito, além de ir prestigiar seu time em dia de jogo. Eles têm suas atividades e obrigações, ou seja, uma rotina: “é uma vez por semana, participar das suas reuniões porque a torcida é dividida por pelotões. Fim de semana tem os jogos, às vezes tem algumas visitas na sede do clube”. (BARROS, 2012, p.8) Provavelmente nos fins de semana tem os jogos de futebol Os torcedores se destacam com o que eles chamam de “espírito guerreiro” nas torcidas. A torcida que não para de cantar e que é mais barulhenta, tem prestígio, **mais como se fosse um grito de guerra.** (O grifo é nosso).

Vi que no jogo a galera vibra, não para de cantar, e não tem só povão, torcida Jovem é quem canta mesmo, gostava das músicas. Um torcedor organizado tem deveres, como cuidar dos materiais da torcida, faixas, bandeiras, “bandeirão”, assim como se empenhar no funcionamento da torcida, cantando as músicas e fazendo as coreografias, balançando as bandeiras e tocando os instrumentos. Assim estará cumprindo seu papel de torcedor organizado, que acompanha, apoia, incentiva o seu time (BARROS, 2012, p. 6).

Muitos dos jovens torcedores que acompanham seu time, procurando autoafirmação por fazerem parte de um grupo social, o que lhe traz status, prestígio e reconhecimento dentro do seu grupo social e frente aos demais da sociedade. As atividades executadas pelos organizadores estão além dos jogos, existem vários encontros marcados pelos torcedores como “comer’ um churrasco, festa de aniversário e campeonatos de futebol, e qualquer outros tipos de festas ou confraternização que promovam a interação entre os diversos torcedores que acompanha a torcida como todo ou como parte deles.

A rotina de um torcedor acompanhar as notícias de seu time no rádio televisão, jornais e redes sociais. Assistir e torcer em um dia de jogo importante, a torcida começa a trabalhar às vésperas do jogo com toda a preparação para a festa nas arquibancadas. O local se configura não só como um ponto de encontro, além de ser um espaço de sociabilidade, onde se pode conhecer e reencontrar amigos. A tradição da torcida vai sendo transmitida dos mais velhos para os mais novos (BARROS, 2012, p. 8).

O que seria um rito de passagem? Quando se dá ou acontece este ritual, qual a importância ou seu significado? Esta série de perguntas revelam a complexidade de definir o que vem a ser um rito de passagem, que geralmente

ele estar associado histórico e antropológicamente a uma prática social das sociedades tribais ou primitivas, mais que elas também se manifestam na contemporaneidade em função da extensão do seu significado para os tempos atuais.

Geralmente associa-se o rito de passagem à pessoas que estão no processo de transição de uma idade para outra, ou seja da adolescência para a idade adulta, onde se faz profundamente necessário a superação de uma fase para outra e ao mesmo tempo da sua aceitabilidade social, como um formato próprio atípico de cada formação social envolvida, seja no passado ou no tempo presente.

O ritual em si obrigatoriamente em qualquer sociedade ele tem que ser cumprido por todos os seus membros, independentemente dele querer ou não participar dele. Esta obrigatoriedade é uma condição que sem ela o ritual não estar completado ou feito. Quando um jovem em uma tribo africana teria que ir com uma lança caçar um determinado animal e traze-lo morto para a tribo, esta era a materialização da realização concreta do ritual, e caso esse indivíduo não à realizasse naquele momento ele teria que repetir em uma outra oportunidade ou uma próxima lua cheia toda ritualidade programada para só assim cumprir todas as regras do ritual, à ser aceito socialmente e mostrar para aquela sociedade que ele ou ela, estariam em condições de casar ou seguir em frente na sua vida, sem que tivesse passar por outra ritualidade para ser aceito.

Nas sociedades atuais de mercado, também estamos submetidos a determinados ritos de passagem por assim dizer no sentido de que, quando depois dos 15 aos 21 anos de idade precisamos estar em condições e habilitados para o exercício da cidadania, seja através da sua carteira de identidade, carteira profissional, cartão do INSS ou do SUS, carteira de reservista e título de eleitor; aí então, você estar habilitado para entrar no mundo do mercado de trabalho, dentro do sistema capitalista, que se complementa profundamente com a escolha de uma determinada profissão para você exercer plenamente, ou de um título ou diploma de ensino médio ou superior.

No futebol toda esta ritualidade é exercida plenamente em função de tudo que falamos até agora, o que é rito de passagem e o seu exercício da

sociedade dos tempos atuais, que não estar circunscrito apenas ao passado mais, a sua relação íntima também com o tempo presente.

As precondições necessárias para que se exercite plenamente esta ritualidade deste rito de passagem em relação ao futebol é que a pessoa independentemente do seu sexo, idade ou posições político, religiosa ou ideologicamente, possam ser um torcedor é necessário que possa estar apaixonado pelo seu time, ser um personagem empenhado, determinado, estar sempre comprometido com o clube, ter objetivos em comuns com a grande maioria dos membros da sua torcida, estar sempre presente em quase todos os momentos da vida do clube, e colaborar até financeiramente se for necessário o fazer-lo no sentido de tornar o clube mais forte, a depender do poder aquisitivo de cada pessoa ou da sua paixão para com o mesmo.

2.2. Torcidas Organizadas em Maceió

Não vamos aqui falar de todas as torcidas organizadas, que existem no Estado de Alagoas, o que seria um trabalho descomunal ou enorme por se só, mais também sabemos ao mesmo tempo em que, em tese que na primeira, segunda, terceira divisão do futebol alagoano, tem-se no mínimo dois ou três times de futebol em cada um dos 102 municípios alagoanos, que daria em média 306 clubes entre profissionais e amadores em tese, o que aumentaria em muito a nossa tarefa de analisá-los historicamente dentro de cada contexto a ser estudado, daí a nossa escolha de estudo de análise da questão das duas das principais torcidas organizadas da capital.

Devemos aqui lembrar que desde o início da fundação dos clubes de futebol em Alagoas, cujo o mais antigo foi Esporte Clube Penedence. Até o mais recente deles, constituído sejam eles da primeira, segunda ou terceira divisão de futebol, todos eles tem as suas devidas torcidas com um número variável dos seus membros buscando sempre cada um deles identifica-se com as cores ou com os símbolos daquele clube, ou apresentarem uma ou mais características de “garra”, superação, capacidade aguerrida etc.. em que o torcedor se identificou com aquilo que melhor representava os seus valores ou práticas culturais cotidianas.

Antes de se constituírem as chamadas Torcidas Organizadas dos principais Clubes de futebol em Alagoas, que começaram a se constituir de direito e de fato a partir da década de 90 em diante, entretanto sabe-se que desde a criação destes dois clubes principais do futebol Alagoano- CSA e CRB- é que foram se criando e se constituindo nas suas devidas torcidas, cada uma delas procurando aglutinar um número cada vez maior de torcedores para a sua torcida, vestindo a camisa do clube, prestigiando a sua “charanga” que tocava algumas musiquinhas identificadas com a história do clube ou de seus principais jogadores, do passado ou do tempo presente, que assim eles iam cada uma delas das torcidas, cumprindo o seu papel de fazer a festa, juntar pessoas e torcer pelo sucesso do seu clube, com rivalidades mais com respeito mútuo entre eles. Essa poderia ser chamada a fase de romantismo entre as torcidas, entretanto isso não significa que não pudesse acontecer atrito entre elas, dentro e fora do estádio de futebol.

Iniciamos a falar sobre torcida organizada e focamos em dois times existentes em Maceió: Clube de Regatas Brasil (CRB) e Centro Sportivo Alagoano (CSA). Cada um desses times tem seus torcedores organizados. Comando Alvi Rubro que surgiu de uma paixão dos torcedores do Clube de Regatas Brasil – CRB e Mancha Azul é como chamam os torcedores do Centro Esportivo Alagoano (CSA).

Segundo os registros existentes no Museu dos Esportes de Alagoas, organizado pelo estudioso da história do futebol alagoano Lauteney Perdigão no ano de 1911, foi fundado o CRB, iniciando como o nome de Clube Alagoano de Regatas, que depois se tornou Clube de Regatas Brasil, cuja sua maior expressão esportiva é era a canoagem que lhes deu ou conferiu vários títulos ao clube. O clube tem vários títulos guardados em seus arquivos como comprovação deste esforço e amor ao esporte, apesar de outros títulos terem sido também conquistados por outras modalidades de esporte que não apenas foram conquistados pelo futebol. Vários troféus se devem ao esporte amador.

O voleibol, basquetebol, o futebol de salão, que já inscreveram páginas memoráveis e inesquecíveis. O Clube de Regatas Brasil foi campeão da cidade nos anos de 1927 - 1930 - 1937 - 1938 - 1939 - 1940 - 1950 - 1951 - 1961 - 1964 - 1970 - 1973 - 1977 - 1978 - 1979 - 1983 - 1986 - 1987 - 1992 - 1993 - 1995 (Santos, 2009, p. 66).



Foto: Tenório, 2014, pg. 7

A torcida do CRB surgiu como Comando Vermelho no ano de 1993 (11 de agosto), um ano depois da criação da sua maior rival, o CSA tendo sido criada por um grupo bastante expressivo de torcedores a chamada Mancha Azul, onde quatro amigos iniciam uma torcida que pudesse “dá um empurrão” no time em campo, em que esses torcedores apaixonados empenhara-se em maior estimularem a sua capacidade de competitividade e animação onde cada uma dessas torcidas com a suas devidas características específicas foram transformando o futebol não apenas a um show de bola mais também um show de cada uma dessas torcidas abrilhantando-os, dando ao futebol um “status” nunca visto antes. Desde esse tempo, o chamado comando vermelho foi crescendo e conquistando cada vez mais espaço no esporte alagoano.

O futebol foi introduzido na vida do CRB através dos irmãos Gondin juntamente com Lauro Bahia, José Leite e Abelardo Duarte. Começaram jogando “rachas” no meio da rua e logo sentiram a necessidade de trocar as ruas por um local mais adequado para a prática do novo esporte. O lugar escolhido foi o mesmo onde hoje se encontra o estádio Severiano Gomes Filho, no ano de 1916. O terreno pertencia à dona Maria Torres que o arrendou ao CRB por

trezentos mil réis. Era um terreno com altos e baixos. Foi necessário que os dirigentes, jogadores e torcedores trabalhassem para transformá-lo num campo de futebol (SANTOS, 2009, p. 67).

O Comando Alvi Rubro nasceu com de uma ideia de um de seus membros que passou posteriormente pelo um processo de uma aprovação coletiva da maioria de seus membros que foi logo adotada por todos eles, pelo menos assim se pressupõe pelo que se sabe a respeito de tal questão.

Brasão da Torcida Comando Alvi Rubro



Foto do Brasão da Torcida Comando Alvi Rubro: Domínio Público

A expressão Comando estar associado a condição de aglutinar um determinado número de pessoas sobre o comando “de” ou “de alguém” que visa dar um comando único aos seus membros coparticipes ou que fazem parte do processo, que são eleitos democraticamente por um período de mandato à depender das necessidades e circunstancias que determinam a extensão de mandatos de cada um deles. Já o termo Alvi Rubro quer dizer Alvi é igual a branco acrescido do termo Rubro que quer dizer vermelho, paixão nas cores tradicionais que representam o Clube Regatas Brasil.

As Torcidas fazem a festa no estádio de futebol, elas animam todo o mundo, “empolgam a festa, empurram o time, contagiam a torcida e servem também como demonstrações de autoafirmação dentro e fora dos gramados. Os gritos de guerra, hinos, as palavras de ordem, as canções, as rimas são elementos importantíssimos na constituição e atuação das Torcidas Organizadas de Futebol e funcionam, muitas vezes, como fatores determinantes na condução da partida, como também no comportamento coletivo (SANTOS, 2009, p. 69).

O Centro Sportivo Alagoano (CSA) foi fundado por desportistas, no dia 7 de setembro de 1913, por Jonas de Oliveira, Sorio Gatto, Entiquio Gomes Filho, Antenor Barbosa Reis, Francisco Rocha Cavalcante, Arestides Ataide de Oliveira, Antonio Miguel de Oliveira e Vicente Grossi.

Brasão da Torcida Mancha Azul



Foto do Brasão da Torcida Mancha Azul: Domínio Público

Como podemos perceber que na história do futebol no Brasil, em que Alagoas não poderia ser tão diferente tanto quanto as demais regiões brasileiras, o futebol era um esporte pelo seu caráter inovador para sua época, -enquanto esporte coletivo que foi chamando a atenção das elites e depois se irradiou para as classes populares- frente aos demais esportes praticados no mundo, ele foi praticado por membros principalmente da elite ou da “aristocracia” econômica social política e cultural de cada Estado ou País atraindo o olhar desta determinada classe social, como podemos observar nos seus primeiros praticantes ou interessados na sua divulgação. Neste primeiro momento o futebol não era uma brincadeira para quem não fosse da elite, restringindo o seu acesso a quem não fosse daquela determinada classe social.

Os primeiros atletas do clube eram lutadores de boxe, de luta greco-romana, além de levantadores de peso, lançadores de dardo e de disco e esgrimistas. Os esportes náuticos só entraram na história do clube em 1917 e, durante muitos anos, seus associados usaram a Lagoa Mundaú para passeios e competições náuticas. (TICIANELI, 2016).



*1 - Time do Centro Sportivo Alagoano, 1935. 2 - CSA, 1922. 3 - CSA, 1923
Acervo: Museu de Esportes Edvaldo Santa Rosa*

Foto: Tenório, 2014, pg. 8

O atual Centro Esportivo Alagoano nasceu no dia 7 de setembro de 1913 com o nome de Centro Sportivo Sete de Setembro que dois anos após sua inauguração modifica seu nome para Centro Sportivo Floriano Peixoto com o objetivo de homenagear José Floriano Peixoto, um atleta em destaque nacional e alagoano no futebol. Essa ideia saiu dos torcedores do “azulão”, que abraçaram essa idéia como uma idéia salutar e coerente com seus princípios ou ideais para aquele momento da história.

Na década de 1910, os primeiros clubes de futebol de Maceió utilizavam os campos que ficavam no Alto do Jacutinga ou Alto do Farol. O mais procurado era o construído onde atualmente está Praça do Centenário. Alguns treinos dos times também aconteciam na Praia da Avenida da Paz, no trecho então denominado Rua Conselheiro Saraiva, entre o Hotel Atlântico e o início da Rua Sá e Albuquerque. (TICIANELLI, 2016).

O primeiro jogo de CSA (ainda com o nome Centro Sportivo Floriano Peixoto) foi com CRB, ocorrido no dia 7 de setembro de 1916, o jogo aconteceu no “campo de futebol” na Praça Jonas Montenegro (que foi um alagoano que ocupou o cargo de presidente da província do Pará, por diversas vezes, tendo constituído um enorme acervo de obras e peças das diversas cultura indígenas existentes naquela província, que foram trazidas para Alagoas que algum tempo depois, doadas ao Instituto Histórico Geográfico de Alagoas no seu andar térreo conhecida como Coleção Arqueológica e Etnológica Jonas Montenegro), onde hoje chamada de Praça do Centenário no Farol. Entretanto ao que se sabe historicamente só em 1918 é este clube altera o seu nome como ele é hoje mais conhecido: Centro Sportivo Alagoano

A primeira Torcida Organizada do CSA foi a Força Jovem, torcida que tinha também maior numero de componentes. Mas após um desentendimento da diretoria da Força Jovem, integrantes saíram e fundaram a Dragões Azulinos. Força e Dragões ficavam coladas e foi daí que houve a idéia de unir as duas torcidas, no começo foi muito difícil porque muitos já tinham uma ideologia formada, ideologia essa herdada de suas facções dentro de cada torcida.

Organizadores do CSA e os acordos fechados de ambos os lados partiu-se pra decidir o nome que seria dado à nova torcida do CSA, torcida essa que já nasceria sendo a maior de Alagoas, na reunião final pra escolher tinham 3 opções de nomes para a torcida, “Dragões da Força” “Jovem, Maldição Azul” ou “Mancha Azul”. Na votação, “Mancha Azul” foi o nome escolhido e a partir daquele dia 23 de Outubro de 1992 a História do futebol alagoano mudou, pois surgiu a maior força das arquibancadas do estado de Alagoas, a MANCHA AZUL.

CAPÍTULO III

O PAPEL DA MÍDIA NA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE AS TORCIDAS DE FUTEBOL

Segundo consta no site da Wikipedia quando ela se refere ao uso do termo violência ela assim a define como sendo “Violência é definida pela Organização Mundial da Saúde como "o uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação", embora o grupo reconheça que a inclusão de "uso do poder" em sua definição expande a compreensão convencional da palavra”.

O uso da violência em qualquer uma das suas formas verbal, escrita, ou de qualquer outro formato traduz na essência a transgressão ao direito do outro que foi invadido por alguém, de forma proposital ou não mais que acima de tudo traduz a negação do direito do outro e da transgressão imposta como forma de impor sua vontade a outrem ou a outra pessoa, cuja a violência estar materializada.

Segundo Galtung *apud* Palhares, Schwartz (2015, p. 15) define o conceito de violência no fenômeno que “a causa da diferença entre o potencial e o real, entre o que poderia ter sido e o que é”.

A violência também ocorre quando o real é evitável ou poderia ter sido evitado de alguma forma. Já quando tal situação é inevitável, isto é, quando todas as ações e esforços humanos são incapazes de impedir a ocorrência de um fato, então não há violência. Tal raciocínio se mantém ainda que a situação real de uma pessoa esteja em um nível muito abaixo de seu nível potencial (SCHWARTZ, 2015, p. 16).

O estudo da violência tem sido objeto de várias áreas do pensamento humano, envolvendo a antropologia, o direito, a psicologia e várias outras áreas correlatas que tem a violência de forma direta ou indireta, verbal ou escrita, ou que tenha assumido a qualquer um outro formato como seu objeto de estudo ou pesquisa

O que seria violência na concepção dos torcedores? E o que seria a violência na visão dos policiais que fazem a proteção nos estádios?

O que é violência para a polícia, por exemplo, não o é para os torcedores organizados que, por sua vez, atribuem violência a práticas alheias a de seu grupo social, como a alta segregação social imposta paulatinamente por atributos como os altos valores dos ingressos em arenas modernas, o cerceamento de atividades do torcer como a proibição de bandeiras e instrumentos musicais no estádio, entre outras variáveis demonstradas ao longo do texto (RIBEIRO, 2018, p. 4).

Para uma grande maioria dos torcedores das torcidas organizadas, as atitudes demonstrativas das praticas de violência, estariam elas relacionadas ao próprio preço absurdo dos ingressos, onde uma grande maioria dos torcedores independentemente de qual seja a torcida, não dispõe de poder aquisitivo para adquirir o ingresso e assistir uma partida do seu time em paz, tanto quanto por outro lado, o cerceamento da liberdade de ir e vir dentro do estádio em função da rivalidade entre as torcidas que muitas vezes coloca em risco a vida daquele torcedor desavisado, que pode estar na torcida do seu rival, cujo o comportamento muitas vezes é causa de brigas e até mortes, em função desse fato ser concebido pela torcida oposta como um desaforo.

Face a utilização a muito tempo atrás de mastro para as bandeiras tanto quanto as baquetas para se tocar o tarol ou bumbo foram uma grande parte desses instrumentos proibido a sua utilização nos estádios, por eles terem se transformado em verdadeiras armas utilizadas pelas torcidas organizadas dentro ou fora dos estádios, colocando em risco a vida de outros torcedores, onde uma ação articulada entre as Policias Militares e o Ministério Publico suspenderam por um longo tempo o uso desses equipamentos durante os jogos, e só nos últimos anos parte deles voltaram a serem utilizados em alguns estádios, principalmente os instrumentos musicais.

Na visão dos Policiais que fazem ou tentam garantir a segurança de grande parte da população que vão aos estádios, é necessário observar que, a preocupação maior deles é no sentido mais amplo com a própria segurança pública, no sentido mais geral, e ao mesmo tempo garantir a segurança de cada individuo independentemente qual o time ele possa torcer. Isto requer um conhecimento de que cada individuo seja responsável pela sua própria vida e a vida do outro desde que esse outro possa ser do meu time rival, pelo menos em tese.

O ponto central para a existência da ocorrência da própria violência em si no futebol da própria torcida organizada em si, que através de uma série de condutas ou posturas altamente agressivas para com a sua concorrente, ou rival provocam uma série de atitudes ou práticas muitas vezes abusivas, preconceituosas, desrespeitosas, ofensivas e até agressivas contra o outro (em quanto indivíduo) e ser coletivo, levando a determinados casos extremos de até a morte de indivíduos. A serenidade e o equilíbrio que deveriam ser parte destes jogos ou disputa, já foram abandonados a muito tempo atrás, não abrindo-se mão da radicalidade, o que é um problema seríssimo.

Ao utilizarem entrevistas como principal fonte, os autores propõem uma abordagem temática considerando as relações de força e a disputa pelo sentido hegemônico dos significados sobre as ocorrências; logo, posicionam os discursos dos torcedores organizados abaixo dos discursos de meios hierarquicamente hegemônicos na sociedade brasileira, como a mídia, os policiais, as federações e até mesmo os intelectuais. (RIBEIRO, 2018, p. 4).

Ao identificarmos os discursos proferidos pelos os torcedores organizados, descobrimos ao menos quatro pilares que se conectam e colaboram para o desenvolvimento de um evento violento: “a) agressão a pessoa, desrespeito ao indivíduo como pessoa humana e como torcedor também; b) falta de infraestrutura ou fragilidade das condições infra estruturais onde o estádio estar localizado, ruas de acesso, iluminação pública e outros serviços necessários para que se tenha no mínimo conforto e segurança para todas pessoas que utilizam esses serviços nos estádios; c) má organização na gestão futebolística, provocam em grande parte da população revoltas, indignação e muitas vezes até o boicote dos torcedores a esse tipo de prática que vai provavelmente repercutir nos resultados das partidas; e d) ineficiência dos serviços públicos que cerceiam o direito de ir e vir, no sentido de garantir o direito de chegar-se em casa vivo e em segurança, mesmo que se esteja disputando uma partida final de um campeonato.

A violência estar envolvida em múltiplas possibilidades e formas de expressões, tornando impossível indicar os espaços onde ao menos uma dessas formas não estejam presentes. A violência estar em todos os lugares, todos os lados, seja, fisicamente ou em forma discursiva.

E no âmbito esportivo, em especial, no âmbito do futebol não poderia ser diferente. Como o mais popular esporte da atualidade, não há como ignorar a presença, às vezes marcante, destes atos dentro e fora dos estádios. Mas seria precipitado, como já fizemos questão de destacar, desconsiderarmos as relações que decorrem da violência no âmbito esportivo com os acontecimentos pelos quais passa a sociedade e seus atores. Por isso, entendemos ser essa violência um braço daquela exercida nos mais diferentes meios sociais; um reflexo do conturbado processo de sociabilidade vivido nos tempos modernos e na impossibilidade de concedermos ao outro igualdade de oportunidades (SANTOS, 2009, p. 110).

Para os torcedores que definem a agressão como justificável e para aqueles que definem a agressão como injustificável, as torcidas organizadas em estádios devem ser controladas para não prejudicarem o time que carregam com todo o entusiasmo e seguem como uma doutrina apoia-los em jogos e campeonatos, pois a agressão, ou seja, a violência traz consigo um lado negativo e prejudicial para o time.

O ato de violência entre as torcidas organizadas estabelece também uma experiência dos jogos com os torcedores que concorrem simbolicamente através das bandeiras e faixas, fisicamente por meio de um ato de violência direta e discursiva em hinos e brados (gritos) de sua reputação entre as torcidas dos rivais. Abordando a violência direta:

O conceito de paz é pensado não somente como oposição à violência instrumental, mas também no desenvolvimento dos sujeitos e comunidades sociais estudadas; logo, haveriam dois tipos de paz: a) negativa, ou seja, sem violência direta, mas com uma violência estrutural; e b) positiva, a saber, sem qualquer espécie de violência (direta ou estrutural), embasada na distribuição igualitária de poder e recursos. (RIBEIRO, 2018, p. 3).

A violência dentro e fora dos estádios de futebol leva a torcida organizada a um argumento sobre as provocações que eventualmente ocorrem em dias de jogos ou ao andar na rua.

Os torcedores argumentam que os confrontos ocorrem normalmente por motivos de provocação por parte da torcida adversária: “acontece porque às vezes bate de frente assim e não tem como evitar... tem que ir pra cima ou apanha... Ou vai pra cima ou apanha... Não tem jeito é briga... Não tem jeito não. Se não der apanha... a gente anda na da gente, né? A gente anda no percurso da gente. Só porque sempre tem um mais espertinho que tem que vir pra cima, aí... rola madeira...” (integrante da TOCV). (SANTOS, 2009, p. 113).

Na procura de soluções para combater o ato de violência nos estádios de futebol, os órgãos oficiais e os torcedores, unidos, participaram do 1º Seminário de Torcidas Organizadas de Alagoas. Esse evento ocorreu em 2018, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, houve participação das duas torcidas organizadas, Mancha Azul (CSA) e Comando Alvir Rubro (CRB) (BASTOS, 2018, s/p).

Houve debates e palestras direcionadas ao futebol, esse seminário teve como objetivo perceber e discutirem os problemas e encontrar soluções para atuações a serem executada e desenvolvidas pelo Governo do Estado, Tribunal de Justiça (TJ/AL) e Ministério Público (MPE/AL) (BASTOS, 2018, s/p).

Segundo o site globoesporte.com a rivalidade entre os dois clubes alagoanos teve início no ano de 1916, quando aconteceu o primeiro “clássico”.

O primeiro duelo entre azulinos e regatianos foi disputado em 1916, quando o time do Mutange venceu o time da Pajuçara por 1 a 0. Já a primeira partida oficial realizada entre CRB e CSA data de 04 de setembro de 1927 e o Clube de Regatas Brasil levou a melhor. Bateu o adversário por 2 a 0, na Pajuçara, e sagrou-se o primeiro campeão alagoano, quando a atual Federação Alagoana de Futebol (FAF) ainda era Coligação Esportiva de Futebol. Ao longo desses 97 anos de jogos majestosos, 473 partidas já foram disputadas. O Galo leva a melhor no número de vitórias. Enquanto o time praiano venceu 170 disputas, o Azulão derrotou o maior rival 147 vezes e 156 confrontos terminaram empatados. A bola balançou as redes 1.185 vezes, com o clube azul e branco marcando 605 gols e o alvirrubro comemorando 578 tentos. Mas, enquanto o Galo venceu mais partidas, o Azulão levantou mais troféus de campeão alagoano. O time do Mutange conquistou 37 títulos estaduais e viu o maior rival comemorar 26 vezes o Alagoano. O atleta que mais entrou em campo para participar dos Clássicos das Multidões foi o Silva, ex-ponta esquerda que jogou pelas duas equipes. Silva “Cão”, como era conhecido, entrou em campo para enfrentar o maior rival do futebol alagoano 95 vezes. O segundo foi Ademir, que disputou 83 clássicos. Silva é também o maior artilheiro de todos os tempos. Ele balançou a rede adversária em 38 vezes, dez a mais que o segundo colocado Canhoto, que disputou 41 jogos entre CSA e CRB. (GLOBO ESPORTE, 2013)

Ao ser abordado o tema violência entre a torcida organizada da Comando Alvi Rubro contra a torcida organizada Mancha Azul, advêm uma rivalidade que vai além dos estádios de futebol, existindo então uma disputa de território.

Não tem como deixar passar, o pessoal tem ódio mesmo. A violência vem de dentro. O cara já tem a violência dentro de si, e quando

acontece um episódio desse, parte pra cima mesmo”, enfatiza. Este depoimento deixa transparecer uma certa naturalização da violência inter-torcidas. Mas, é importante trabalharmos com a ideia de que apesar de constitutiva dos sujeitos, a violência não pode ser a regra nas relações civilizadas. (Santos, 2009, p. 114).

O modo pelo qual a mídia interpreta e modifica códigos próprios do universo futebolístico atua inteiramente na concepção e imaginação do público. Essa relação, imperceptível para a maioria do público, procede, muitas vezes em um controle social que produz resultados negativos.

Heloísa Helena Baldy dos Reis, em seu livro *Futebol e violência* (2006), divide a manifestação da violência no futebol em duas: a real e a simbólica. Essa diz respeito às provocações verbais, orais ou escritas, presentes, sempre, nos cantos entoados pelas torcidas, nas pichações feitas por elas nos muros das cidades e nas frases que carregam em suas bandeiras, faixas e estandartes. Entretanto, não é somente no universo das torcidas organizadas que a violência simbólica se faz presente. É possível observá-la também nos conteúdos produzidos e divulgados pela mídia. Um exemplo está na reportagem “*Com dois a menos, jogadores do CRB destacam espírito guerreiro do time*”, publicada pelo site Globo Esporte/AL, no dia 19 de fevereiro de 2014, como podemos verificar no trecho seguinte:

Dramático. Com todos os elementos de um bom clássico, o jogo de estreia de CSA e CRB no Campeonato Alagoano, disputado esta noite no Rei Pelé, foi digno de um verdadeiro espetáculo. No primeiro tempo de jogo, onde o time marujo saiu na frente com gol de Diego Clementino aos 11 minutos, depois, Tozin, aos 36, descontando para os alvirrubros, as duas equipes duelaram do começo ao fim. E a guerra ultrapassou as quatro linhas. O árbitro Chicão mal tinha acabado de dar o apito final quando um homem identificado como integrante do Corpo de Bombeiros chegou a disparar um tiro para cima, o que gerou tumulto na arquibancada azulina (GLOBO ESPORTE, 19/02/2014).

A mídia no estado alagoano, é, portanto, responsável por potencializar as diversas manifestações da violência, em suas alteradas facetas, no confronto entre os dois únicos clubes de Maceió em atividade e suas torcidas organizadas. Entretanto, não só a isso ela (a mídia) se limita: também cumpre papel importante na construção da identidade, anteriormente citada nesse artigo, dos torcedores do CRB e do CSA.

O discurso midiático, fortalecedor de tais estereótipos e refletor de um preconceito de classe, é continuado durante as partidas, nas arquibancadas,

quando a torcida regatiana chama, por exemplo, entre as músicas, a torcida azulina de “mundiça”, um termo que significa, basicamente, o excesso de pessoas que fazem parte das camadas menos favorecidas da população. Algo que também se enquadra na definição de violência simbólica, com potencial significativo a se transmutar na violência real.

3.1. Contribuição para violência

Nos últimos anos, a imprensa tem sido cada vez mais popular no sentido do seu acesso e da sua própria abrangência enquanto meio de comunicação de massa, onde em alguns casos esporádicos ou não ela as vezes se torna um território fértil de manifestações violentas, que podem incentiva-las ou coibi-las mais em muitas vezes são eles textos apócrifo, contra os torcedores do time rival. Contudo, no esporte, a violência ritualizada seja inerente a qualquer torcida como parte do “espetáculo” (que em si é uma banalização do espetáculo), a cultura do ódio entre membros das torcidas organizadas do CRB e do CSA tem contribuído para reações cada vez mais radicais, a exemplo de espancamentos e até assassinatos.

Nesse panorama, a imprensa tem um papel preponderante no registro ou de determinados fatos ou acontecimentos geradores dessa violência, que em si é um elemento totalmente condenável, em função de que seja qual for o motivo apresentado para justificar essa violência, ela não tem razão de ser, a não ser pelo o uso da própria violência como instrumento de dor ou do seu uso político, de alto afirmação frente ao rival ou do outro, o opositor. Segundo Avila (2015, p.4) em programas de televisão e de rádio discutem ou alastrar-se opiniões acerca dos conflitos entre as torcidas organizadas dos dois clubes, contribuindo, em alguns casos, para fortalecer a rivalidade entre os grupos, ou ainda para aprovar a manifestação violenta da força policial contra as torcidas, em dias de jogos. Hoje em dia acrescento por fim, a internet, que com sua ampla plataforma e facilidade de acesso e anonimato onde se escondem cidadãos de bens e verdadeiros bandidos na expressão total da palavra, e leva a notícia mais rápido do que o próprio programa de televisão com dia e hora marcada.

Com o uso da internet e das redes sociais, cada vez mais democrático, livre e acessível, o espaço para comentários em publicações de sites torna-se uma plataforma para a violência simbólica, onde membros de torcidas rivais trocam xingamentos e ofensas. Além disso, tal briga simbólica é fortemente difundida nos ambientes urbanos. Diversos bairros da capital alagoana são tomados pelas pichações (AVILA, 2015, p. 3).

Na matéria dada como título “CSA x CRB vira caso de polícia”, publicada no jornal Gazeta de Alagoas, em 7 de abril de 2015, apesar que o texto apresente como notícia, tratar o conflito entre as torcidas organizadas do CRB e CSA de forma claramente opinativa:

Como se não bastassem os problemas ocorridos dentro do estádio, os mesmos vândalos de sempre, infiltrados nas chamadas organizadas, 'deitaram e rolaram' em ruas da capital (antes e após o clássico) com todo tipo de arruaça e banditismo, promovendo momentos de horrores à população maceioense (AVILA, 2015, p. 5).

As expressões inadequadas a um texto jornalístico noticioso, como “deitaram e rolaram”, há a maledicência sumária dos “réus” (no caso, os torcedores organizados), classificados como bandoleiros e rivais da população. Com o uso de uma linguagem que não deixa saída a não ser a perpetuação da violência (ainda que simbólica), a mídia transforma, constrói, potencializa a disputa entre os dois times. Um exemplo desse processo complexo está no texto “Com dois a menos, jogadores do CRB destacam espírito guerreiro do time”, publicado no GE, em 19 de fevereiro de 2014, que trata uma confusão nas arquibancadas como “parte dos elementos que caracterizaram um ‘bom clássico’ quando ao contrário um bom clássico seria aquele que inexistente na teoria e na prática social tanto no campo quanto fora dele de atos ou atitudes de violência.

No cotidiano e em dia de jogo entre os dois times, a cidade torna-se também verdadeiro “palco da violência” simbólica e real dos torcedores onde transporte coletivo as vezes são apedrejados pela torcida rival, casas comerciais e mobiliário urbano depredados ou semi-destruídos, e muros pichados com frases ofensivas das duas torcidas. Essa relação entre o espaço urbano e a violência originada na disputa futebolística evidencia a transitoriedade da identidade multifacetada da cidade. Nesse sentido, como

escreveu Ávila (2015), “a emergência da cidade dá origem à multidão, ao público, à massa, aos meios técnicos e à própria tecnologia”.

O ponto de vista que pretendemos afirmar através dessas assertivas é o seguinte: apesar de o futebol querer se apresentar como um simples divertimento, um espetáculo, independentemente de qualquer responsabilidade social, ele, é tudo isso de fato e concretamente, entretanto existe um lado obscuro no futebol que é a própria violência entre torcidas organizadas que deve ser combatidas porque elas tentam destruir a própria essência do futebol que à disputa de uma bola, de uma jogada, de um gol feito que nada disso auto justifica a pratica da violência seja por qual motivo for e muito mais ainda da banalização da violência que existe hoje, como os seus problemas do mundo pudesse ser resolvidos na “porrada”, muito pelo contrário os problemas se resolvem com diálogo, respeito, coerência e serenidade pelo menos é o que caracteriza-se uma sociedade democrática, como o respeito ao outro e a todos e a si mesmo.

Quando uma criança ingressa numa escolinha de futebol, seja ela no sexo masculino ou feminino, o que é que eles vão aprender? Só correr atrás de uma bola? É claro que não. Eles e elas vão receber instruções a respeito do papel da alimentação, dos cuidados com o corpo e a saúde física e mente-los fundamentos teóricos e práticos daquela prática desportiva, do respeito ao outro, da importância da coesão do grupo para alcançar um determinado objetivo e de uma série de outros valores morais e éticos para a vida como atleta e cidadão pelo resto da sua vida. Esse é o mais importante papel desempenhado pelo esporte para garantir a sobrevivência física e cultural de crianças que estariam condenadas a marginalidade, e ao mesmo tempo no processo de construção em uma sociedade mais democrática e respeitosa com o outro.

4. CONCLUSÃO

Se é que podemos concluir um tema tão vasto e altamente complexo, que exigiria de mim um conjunto de informações mais precisas e consistentes a respeito da gigantesca história do futebol brasileiro, assim como do futebol alagoano na sua especificidade histórica para começo de conversa, entretanto nos empenhamos (a minha pessoa, a minha esposa na edição do presente trabalho e nas ideias ou opiniões para que o trabalho saísse à contento), entretanto sabemos que historiar sobre o futebol no Brasil requer um estudo um pouco mais aprofundado mais não abrimos mão da nossa responsabilidade de dar conta do recado.

Falar sobre violência apesar de hoje existir no nosso dia-a-dia e sermos bombardeados o dia todo e quase todos os dias de casos de violência no cotidiano isto é extremamente difícil em função de uma diminuta bibliográfica que existe sobre o tema, mesmo sabendo-se da relevância dessa temática para os estudos, antropológico, sociológico, psicológico e até histórico, que a história tende a se debruçar mais sobre esta temática como objeto de estudo científico, principalmente depois dos estudos da nova história.

Falar sobre torcida organizada não é nada fácil em função de quem estar a estudá-la ter que abrir mão da sua própria paixão pelo seu próprio time do coração para poder assumir a condição de cientista social ou pesquisador para poder melhor compreender sem paixões o universo das torcidas, as suas contradições a sua vivência e o seu dia-a-dia, que não é de forma alguma fácil, já que se envolve ciência, convicção, valores e capacidade de investigação do objeto enquanto pesquisador. O desafio estar posto para quem quiser enfrentá-lo. Tentamos aqui não apenas cumprir a nossa obrigação acadêmica de terminar um trabalho de conclusão de curso, mais acima de tudo refletir de forma científica e coerente com uma temática tão complexa enquanto esta.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRINO, Beatriz. **Futebol e Violência em Maceió: A influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016.

AANCIA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. **Violência**. Wikimedia, 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Viol%C3%A4ncia>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

AVILA, Janayna. **Uma Cidade sob o signo do Medo: Violência, Mídia e Pichação na Disputa entre dois times de Futebol de Maceió**. Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – CISECO, **IV Colóquio Semiótica das Mídias**, ISSN 2317-9147 Praia Hotel Albacora, Japaratinga – Alagoas, 4 de novembro de 2015.

BARROS, Fellipe Lemos de Paula; BARATA, Denise; SANTOS, Thaisa Calixto. **Torcidas organizadas de futebol e a modernização do Maracanã**: a Jovem do Flamengo. Rio de Janeiro edição dos autores. Sem data.

BASTOS, Larissa; MAYNART, Rafael. **Seminário com torcidas organizadas discute violência no futebol alagoano**. Maceió. Disponível em: <<https://www.gazetaweb.com/noticias/esportes/alagoano/seminario-com-torcidas-organizadas-discute-violencia-no-futebol-alagoano/>> 2018 Acesso em: 31 abr. 2021.

CRISTINA, Teresa. **CRB desbanca CSA e aparece como o time de maior torcida em Maceió**. Portal de notícias de Maceió (2013). Disponível em: <<http://cadaminuto.com.br/noticia/224056/2013/08/28/crb-desbanca-csa-e-aparece-comoo-time-de-maior-torcida-em-maceio>>. Acesso em: 01 mar. 2021

COMANDO ALVI RUBRO. CRB até a Morte. 2014. Disponível em: <<http://comando-alvirubro.blogspot.com/2014/05/comunicado-oficial.html>> Acesso em: 19 mai. 2021

CSA, o Azulão do Mutange. Disponível em: <<http://futebolalagoano.comunidades.net/a-historia-do-csa>> Acesso em: 15 mar. 2021. Sem data.

FERNANDES, Bruno; SEIXAS, Josué. 2020. **Aos 85, historiador precisou vender camisa de Pelé para manter museu.** Disponível em <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/03/31/aos-85-historiador-precisou-vender-camisa-de-pele-para-manter-museu.htm?cmpid=>>> Acesso em: 19 mai.2021.

FRANCO, Giullya. **História do Futebol.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm#:~:text=O%20futebol%20chegou%20ao%20Brasil%20em%201894.,pr%C3%A1tica%20do%20futebol%20no%20pa%C3%ADs.&text=A%20primeir> Acesso em: 19 maio. 2021

FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego.** Rio de Janeiro. Imago. 1974.

FRERE, Jose Luís. **A Paixão é uma Bola** in Revista Nova Escola São Paulo Abril Cultural Fundação Victor Civita. 1994.

LUCCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e Torcidas: Um Estudo Psicanalítico sobre o Vinculo Social.** São Paulo/PUC. 1998.

MUSEU DOS ESPORTES. Disponível em: <www.museudosportes.com.br/alagoano> Acesso em: 01 mai. 2021.

PALHARES. Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **A violência.** In: Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 11-26. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8zmft/pdf/palhares-9788579837425-02.pdf>> Acesso em: 12 mai. 2021.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência.** Campinas: Autores Associados, 2006.

RIBEIRO, Daniela Pereira da Silva; MEYER, Diogo Correa; FIGOLS, Victor de Leonardo. **Qual o protagonismo das torcidas organizadas?** Uma discussão acerca da violência no futebol brasileiro. Recorde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2018.

ROSA, Edvaldo Alves Santa. **Quem é Lauthenay.** 2013. Disponível em: <http://museudosportes.blogspot.com/2013/02/quem-e-lauthenay_21.html> Acesso em: 19 mai. 2021.

ROMA, Denison. 2012. **Caso sejam punidos por briga, CSA e CRB não perdem mando no Brasileiro.** Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/al/noticia/2016/05/caso-sejam-punidos-por-briga-csa-e-crb-nao-perdem-mando-no-brasileiro.html>> Acesso em: 05 abr. 2021.

SANTOS, Amanda Farias dos. **Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste.** Maceió EDUFAL 2009.

TENÓRIO, Douglas Prado; COSTA, Jairo José Campos da; DANTAS, Carme Lucia. Calendário Fateal de 2014: **Memória da fotografia em Alagoas.** Maceió, FATEAL 2014, pg. 7-8.

TICIANELI, Edberto. **Memória Urbana.** Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/csa-o-azulao-do-mutange.html>> Acesso em: 28 abr. 2021.

TOLEDO, Luís Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol.** São Paulo Autores Associados. 1996.